

A relação homem-ciência no Brasil da *Belle Époque*: uma análise de *A Esfinge*,  
Coelho Neto

Dayane Andréa Rocha Brito (UFMA)

Naiara Sales Araújo Santos – orientadora (UFMA)

1. Introdução

A Ficção Científica tornou-se um gênero bastante popular ao longo do tempo, tanto na produção literária, quanto na produção cinematográfica e mesmo na produção televisiva. *Star Wars*; *Star Trek*; *Duna*; *Eu, Robô* são algumas das obras populares entre o gênero, reconhecidas como tal sem que sejam necessárias definições acadêmicas. Apesar disto, o enfoque da FC nunca foi facilmente entendido. Para muitos, a caracterização do gênero limita-se a utilização da ciência ou de espaços futuristas em suas tramas sem que haja alguma conexão com o tempo presente e, por conta disso, sempre se pensa que a FC preocupa-se apenas com o futuro. No entanto, muitas das obras da FC utilizam-se de espaços situados no futuro e a ciência para a problematização de problemas atuais e a antecipação de suas possíveis consequências, levando muitos a crerem que o gênero tinha um caráter profético, como ilustra o crítico Bráulio Tavares:

O objetivo da fc não é prever o futuro, assim como o da literatura policial não é provar que o crime não compensa. Mesmo assim existem casos de “profecias” da fc que acabam se realizando tempos depois, o que levou muitos autores entusiasmados a acreditar que a fc deveria ir a um passo à frente, prever seus desdobramentos futuros, antecipar-se a eles...  
(B. Tavares 25)

Para Isaac Asimov (*apud* TAVARES, 1986, p. 72), a FC não é uma literatura especializada, ela funciona como uma resposta às modificações

advindas com o desenvolvimento da ciência, englobando diversas questões que envolvem a experiência humana e, devido a este fator, ela não tem um foco limitado, como ratifica Bráulio Tavares: “A fc é uma *literatura transversal*, um canal de comunicação que põe a cibernética em contato com o surrealismo, o humor em contato com a física nuclear, e assim por diante, até o infinito.” (B. Tavares 73)

Por muito tempo, a produção da FC esteve relacionada apenas aos países com desenvolvimento tecnológico e, por isso, pensou-se que o Brasil nunca tivera um espaço dentro da produção do gênero. No entanto, na década de 60 a ficção científica brasileira começou a ganhar visibilidade em território nacional com a chamada “Geração GRD”, considerada a “primeira onda” do movimento da Ficção Científica brasileira.

Antes mesmo da organização de um movimento brasileiro, no final do século XIX, alguns autores já apresentam, em sua obra, produções menores que denotam o interesse pela exploração da ciência no âmbito literário. Na virada do século, o fascínio e a incerteza relacionados ao desenvolvimento da ciência desencadearam outros elementos que se juntaram à manifestação científica literária, tornando-a mística, com características simbolistas e espíritas, como é notado na obra a ser analisada nesta pesquisa, *A Esfinge*, publicada em 1908, pelo maranhense Coelho Neto.

Assim, a presente pesquisa visa fazer um estudo do período que antecedeu os movimentos da FC brasileira, estabelecendo a relação entre homem e ciência no contexto brasileiro durante o início do século XX, por meio da introspecção do personagem central de *A Esfinge*, o misterioso andrógino James Marian. Para isso, serão pontuados os elementos característicos da visão

científica brasileira no início do século XX, presentes na obra, a fim de caracterizar a Ficção Científica no contexto brasileiro durante período a qual se insere, além de analisar o comportamento do personagem central da trama como reflexo do temor da sociedade por criações científicas para que se entenda a relação entre sua reclusão e a visão de ciência que vigorava na época em que a obra foi escrita.

## 2. A *Belle Époque* tropical e o pensamento científico brasileiro no início do Século XX

Por muito tempo se pensou que a produção da FC limitava-se aos países desenvolvidos, devido a relação destes com a ciência e a tecnologia, e, por conta disso, os países subdesenvolvidos estariam sujeitos apenas à imitação do gênero, já que não produziam tecnologia. No Brasil, segundo o que conclui Bráulio Tavares (apud CAUSO, 2003, p. 235), até o fim dos anos 30 não existiu no país um movimento como o que se realizara em solo americano, visto que não havia uma Grande Obra que servisse de base para outras e nem um grupo que se constituísse como “escola” ou “movimento” na intensificação da produção da FC no Brasil.

Segundo o crítico Roberto de Sousa Causo, em “Os melhores contos brasileiros de ficção científica”, a ficção científica é a literatura esquecida do século XX, no Brasil, ainda que fizesse parte da obra de alguns autores nacionais, provavelmente porque se tratavam de textos menores dentro de sua produção literária, principalmente daqueles autores que antecederam a chamada “Geração GRD”, na década de 60. Retrocedendo um pouco mais, até o final do século XIX, tomando por base o contexto em que o Brasil vivia,

percebe-se que não havia uma atenção maior ao desenvolvimento científico por parte da produção literária daquele momento porque no país havia pouca ciência e tecnologia. Segundo Roberto Causo, “[o] país coletivamente se pensava como tendo papel de prover os meios para as nações estrangeiras, e um prolongado relacionamento colonial foi mantido pela nossa monarquia.” (Causo, *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil – 1875 a 1950* 124)

É importante ressaltar que o país permanecia rural, sobrevivendo da produção de produtos agrícolas e da posse de terras. Por conta disso, não havia interesse, por parte da elite intelectual brasileira, em um desenvolvimento científico significativo no país. Havia, ainda, a interferência da Igreja, como aponta Causo, visto que estava em um polo oposto ao da ciência, que tentava desmitificar alguns fenômenos visto pela Igreja como indiscutíveis. Em contrapartida, os avanços científicos causavam temores por explorarem campos que até então eram desconhecidos, resultando na condenação e no descrédito de quem quisesse trilhar tais caminhos.

Neste contexto, a ficção científica já começa a aparecer, esporadicamente, na produção literária de alguns autores, como o romance *O Doutor Benignus* (1875), de Augusto Emílio Zaluar e o conto “*O Imortal*” (1882), de Machado de Assis. No que tange à obra de Zaluar, Roberto Causo destaca:

é uma narrativa com muita conversa de salão, e bem pouca aventura. Para o personagem-título, a ciência é apenas outra forma de alguém se tornar um cidadão benemérito, de relevância e destaque social, e uma incumbência do indivíduo, sem qualquer expressão institucional do Brasil do século XIX. (Causo, *Um resgate da ficção científica brasileira*)

Portanto, a obra é um reflexo da distância cultural do país em relação à Europa, no que diz respeito ao pensamento científico, denotando ideias

primitivas. Ainda no final do século XIX, o país passara por dois momentos marcantes em sua história: em 1888, a Lei Áurea é assinada e a escravidão abolida, e, em 1889, a monarquia é derrubada e a República é proclamada. Tais acontecimentos impulsionaram um novo momento para o Brasil, fortemente influenciado pelos ideais franceses: a *Belle Époque*.

A *Belle Époque* se instaurou no Brasil no ano em que o país vem a se tornar uma república, com um forte desejo de mudança por parte da sociedade brasileira. Porém, antes dessas mudanças adentrarem ao país, a Europa já sentia os efeitos delas:

*A Belle Époque* europeia foi a culminância de um processo de fins do século XIX e início do século XX caracterizado de um lado pela prosperidade econômica resultante da industrialização rápida e da exploração colonialista, advindas ambas da hegemonia do racionalismo científico, e de outro pela estabilidade política, derivada de uma teia complexa de alianças diplomáticas, e reforçada em muitos casos por laços de sangue ou casamento: o *kaiser* Guilherme II da Alemanha, o *czar* Nicolau II da Rússia e o rei Eduardo VII da Grã-Bretanha, por exemplo, eram todos primos entre si. (Silva 80)

A Europa passava, portanto, por um período de grandes avanços e de muita prosperidade. Em decorrência disto, algumas pesquisas no âmbito científico desenvolveram-se e permearam o processo de “modernização” das cidades europeias.

A *Belle Époque* brasileira foi de inspiração francesa, visto que o país, desde a época colonial, já apresentava uma certa influência da França por meio de Portugal. Esta característica brasileira será denotada tanto nos aspectos sociais, quanto nos culturais, com a criação de projetos para transformar o Rio numa Paris tropical, sob o *slogan* “O Rio civiliza-se!”. Neste período, o país ainda apresentava traços coloniais – visto que acabava de sair de um regime

monarquista e da dominação portuguesa -, e desejava modernizar-se aos moldes das civilizações europeias, com enfoque na sociedade parisiense. O discurso científico ficou a cargo da legitimação dos ideais referentes ao progresso e à ordem social.

Neste momento destacaram-se o engenheiro Pereira Passos e o médico sanitarista Oswaldo Cruz, ambos com estudos adquiridos na França. Eles utilizaram-se de medidas arbitrárias para aplicar seus conhecimentos científicos, com poucos esclarecimentos à população, ocasionando um temor da sociedade em relação aos avanços científicos, mas também uma fascinação pelo progresso. Sobre a literatura deste contexto, o crítico Alfredo Bosi comenta:

Estetismo, evasão, "pureza" verbal precariamente definida, sertanismo de fachada, lugares-comuns herdados à divulgação de Darwin e de Spencer, resíduos da dicção naturalista decambulhada com clichês do romance psicológico à Bourget carregam para a prosa de um Coelho Neto e de um Afrânio Peixoto os vícios do Decadentismo de que na Europa davam exemplo os livros cintilantes mas ociosos de Oscar Wilde e Gabriele D'Annunzio. (Bosi 197)

Embora muito crítico à produção literária na ocasião em que decorreu a *Belle Époque*, Bosi enfatiza a influência europeia do período em que afirma caracterizar-se literariamente como resultante de um estilo ornamental. Alexander Meireles da Silva, por outro lado, afirma que a semelhança entre a produção de autores nacionais e a americanos, britânicos e franceses demonstram que as angústias e inquietações sentidas naquele momento estavam em consonância. A produção deste momento converge com as narrativas de Mary Shelley, Robert Louis Stevenson, Edgar Allan Poe e H.G. Wells.

### 3. *A Esfinge*: a Ciência Gótica de Coelho Neto

Segundo Silva (2010), este período de mudanças que o Brasil vivenciou muito se assemelhou ao que havia acontecido no século dezenove com os escritores europeus em relação a Revolução Industrial. O resultado artístico desse cenário foi o desenvolvimento de uma nova temática literária da Literatura Gótica: a Ciência Gótica. Segundo Bráulio Tavares

São histórias que têm um pé na ficção científica, utilizando muitos dos seus aparatos exteriores (cenários, personagens, artefatos) mas que se recusam a lidar com a lógica, a verossimilhança e a plausibilidade científica que os adeptos de ficção científica usam [...] Na ciência gótica, a parafernália tecnológica e a pseudo-racionalização materialista estão a serviço de situações bizarras, grotescas, impressionantes. (B. Tavares)

É neste panorama que *A Esfinge* (1908), do maranhense Coelho Neto, situa-se. A trama se passa na cidade do Rio de Janeiro, em uma pensão de proprietária inglesa, a Miss Barkley. Os moradores do local retratam a sociedade formadora da elite cultural da *Belle Époque*. Os fatos que norteiam o enredo giram em torno da aproximação do narrador com o excêntrico (na visão dos outros hóspedes) inglês que possui um rosto de uma beleza feminina e físico de Adônis, James Marian.

No decorrer da trama, o narrador descobre, por meio de um livro entregue pelo andrógino que este é fruto de um experimento científico realizado pelo místico oriental Arhat, que utilizara os conhecimentos da “Magna Ciência” para dar vida a dois corpos mutilados. Logo, embora sua presença sempre estivesse envolta em mistério, assim como alguns fatos curiosos ocorridos na pensão, os elementos científicos presentes na obra, ainda que não estivessem

nos parâmetros reais, explicavam aquilo que antes era designada apenas ao sobrenatural, o que na obra é refletida na própria existência do inglês.

A ciência apresentada na obra é envolta de misticismo oriental reencarnacionista, como pontua Causo (2003), juntamente a elementos simbolistas e espíritas, visto que o espiritismo estava muito presente no Brasil deste momento, como é notada na explicação que Arhat faz da criação de James Marian:

[...] como ainda encontrasse vestígios, ou melhor: manifestações da presença dos sete princípios, retive a força de *jira*, ou princípio vital, fazendo com que ele atraísse os restantes que circulavam, em aura, em torno da carne e, com a pressa queurgia, aproveitei dos corpos o que não fora atingido. Tomando a cabeça da menina e adaptando-a ao corpo do menino restabeleci a circulação, reavivei os fluidos e assim, retendo os princípios, desde o *Athma*, que é a própria essência divina, refiz uma vida, em um corpo de homem, que és tu. (Neto 159)

O resultado do experimento que concedeu a vida ao inglês tornara a vida do personagem cheia de inquietações e de constante reclusão: sentia-se deslocado, um monstro (como o próprio chegara a mencionar), por conta das incertezas relacionadas à sua identidade - feminina ou masculina?

Se James Marian considerava-se um monstro é porque este habita próximo ou além dos limites do humano, é o ser à margem, aquele que não se encontra circunscrito nos domínios do socialmente aceito e prescrito. É a imagem da criatura de Frankenstein, que almeja ser aceita e amada, mas o único espaço destinado a ela é o da exclusão. (Menon 738)

Logo, o personagem carrega o estigma de ter seu corpo, bem como a sua própria identidade de gênero, fora dos padrões estabelecidos socialmente, tal qual a criatura de Mary Shelley. Isto posto, James Marian não é uma criatura do além ou um ser fantasmagórico, mas é resultado de um experimento

científico, tornando-o uma criatura que superou a morte. Sua reclusão e inquietação, bem como a sua existência, tem uma explicação pseudo-racional, o que a leva a encaixar-se na denominada Ciência Gótica.

Além disso, a inquietação de James Marian diante de sua própria identidade traz-nos algumas das questões levantadas anos mais tarde pela Ficção Científica. O seu corpo “monstruoso” denota a recusa em situar-se sob um padrão estabelecido, já permeando o início das reflexões acerca dos limites biológicos do corpo humano. Segundo o que ressalta Jeffrey Jerome Cohen, em “A cultura dos monstros: sete teses”,

“Essa recusa a fazer parte da “ordem classificatória das coisas” vale para os monstros em geral: eles são híbridos que perturbam, híbridos cujos corpos externamente incoerentes resistem a tentativas para incluí-los em qualquer estruturação sistemática. E, assim, o monstro é perigoso, uma forma — suspensa entre formas — que ameaça explodir toda e qualquer distinção.” (Cohen 29)

James Marian representa a indistinção das formas humanas concebidas psicológica e fisicamente, trazendo questionamentos acerca da organização da própria sociedade, como sugere Cohen:

Esses monstros nos perguntam como percebemos o mundo e nos interpelam sobre como temos representado mal aquilo que tentamos situar. Eles nos pedem para reavaliarmos nossos pressupostos culturais sobre raça, gênero, sexualidade e nossa percepção da diferença, nossa tolerância relativamente à sua expressão. Eles nos perguntam por que os criamos. (Cohen 51)

O inglês figura os questionamentos culturais acerca da construção biológica humana e das construções sociais, fato que leva o ser híbrido a percorrer o mundo inteiro tentando desvendar o livro de símbolos que lhe foi entregue por Arhat, a chave para as aflições de James: “Tens neste livro toda a

tua vida, mas o ideograma em que foi escrito só poderá ser decifrado por alguém que haja atingido a perfeição.” (Neto 161)

A revelação do livro de símbolos, portanto, é substancialmente importante ao andrógino, pois, desvendando-o, este passaria de um ser que não aceito nas convenções sociais para tornar-se “um anjo entre os homens, senhor de todas as graças, de todo o prestígio, uma vontade soberana em um espírito maravilhoso” (Neto 161-162). A revelação do conteúdo deste livro, aliás, explica o motivo de Marian estar no Rio, visto que este achara que encontraria a resposta para suas dúvidas enquanto estivesse em contato com a natureza.

A obra de Coelho Neto configura, assim, o pensamento da sociedade em relação ao desenvolvimento científico, todo o fascínio e a hesitação que o envolvia, além do interesse pelas questões advindas da modernização e dos avanços científicos. Não há enfoque nas consequências do desenvolvimento desenfreado da ciência, mas nos questionamentos relacionados à identidade dentro dos aspectos culturais da sociedade em que a obra está inserida.

#### 4. Considerações finais

Com base nessas ideias, nota-se que a obra *A Esfinge* (1908) de Coelho Neto, ainda que não seja uma das obras mais estudadas atualmente, torna-se importante à medida que retrata a visão científica da sociedade de até então, fornecendo base para um estudo a respeito da Ficção Científica Brasileira antes do surgimento dos movimentos que a legitimaram.

A trama de *A Esfinge*, traz, além de outras problematizações, o modo como o personagem central, visto como excêntrico por parte das pessoas com quem convivia na Pensão Barkley, utilizava a reclusão para evitar o julgamento

dos outros moradores ao tomarem conhecimento do que, mais tarde, virá a ser descoberto pelo narrador: a beleza feminina de seu rosto em contraposição a virilidade de seu corpo não é apenas uma metáfora, é resultado de um experimento científico que lhe concedeu a vida.

Portanto, a obra analisada já demonstra o interesse das produções do final do século XIX e início do século XX em temas que se relacionassem com a ciência, antes mesmo dos movimentos que impulsionaram a FC brasileira. Nota-se, ainda, que a ciência utilizada até então era cercada por mistérios e símbolos, fruto do fascínio e incertezas que o desenvolvimento científico causava no Brasil daquele período.

#### Referências

Bosi, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cutrix, 1994.

Causo, Roberto de S. *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil – 1875 a 1950*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

Causo, Roberto de S. “Um resgate da ficção científica brasileira.” Causo. *Os melhores contos brasileiros de ficção científica*. São Paulo: Devir, 2007.

Cohen, Jeffrey J. “A cultura dos monstros: sete teses.” Silva, Tomaz Tadeu da. *Pedagogia dos Monstros: Os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autentica, 2000. 23-60.

Menon, Maurício C. "A questão do duplo em duas narrativas brasileiras." *CELLI – Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários* 2009: 732-739. <<https://sobreomedo.files.wordpress.com/2013/04/05042013.pdf>>. Web. 20 jan 2014.

Neto, C. *A Esfinge*. Porto: Chardron, 1908.

Silva, Alexander M. *O admirável mundo novo da República Velha: o nascimento da ficção científica brasileira no começo do século XX*. Rio de Janeiro, 2008. <[http://www.lettras.ufrj.br/ciencialit/trabalhos/2008/alexandermeireles\\_oamiravel.pdf](http://www.lettras.ufrj.br/ciencialit/trabalhos/2008/alexandermeireles_oamiravel.pdf)>. Web. 22 Nov 2014.

Tavares, B. *O que é Ficção Científica?* São Paulo: Brasiliense, 1986.

Tavares, Bráulio. "A Ciência Gótica." *Páginas de sombra: contos fantásticos brasileiros*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. 14-17.